

# J. Rodolfo Wilcock,

## *A sinagoga dos iconoclastas*

*História Augusta*

# Marcel Schwob,

*Vidas imaginárias*

**Pier Paolo Pasolini**

(tradução: Davi Pessoa Carneiro)

Retomando nas mãos *A sinagoga dos iconoclastas* de J. Rodolfo Wilcock, para escrever sobre ele – após tê-lo lido há uns doze anos –, experimento uma leve sensação de terror. Mas como?! Realmente o li com muita alegria, às vezes, ria em voz alta, sozinho, tal como um doido. Agora, o meu olhar segue por suas páginas reconhecendo seus nomes e sobrenomes, seus títulos de livros, suas datas de edições: e um mal-estar sutil me provoca uma espécie de náusea, uma vontade de esquecimento.

*As cidades invisíveis* de Italo Calvino se concluem com esta frase: “O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno em que vivemos todos os dias, que construímos

quando estamos juntos. Existem dois modos de não sofrer com ele. O primeiro é fácil para a maioria das pessoas: aceitá-lo, tornando-se parte dele, a ponto de não enxergá-lo mais. O segundo é arriscado e exige atenção e aprendizado contínuo: procurar e saber reconhecer quem e o que, em meio ao inferno, não é inferno, fazendo-o durar, dando-lhe espaço”.

Pois bem, estes dois modos de se colocar em relação ao inferno, para não sofrer com ele, não conseguem prever o caso de Wilcock. Ele certamente não pertence à maioria silenciosa, poderíamos dizer (na realidade, essa maioria fala a linguagem dos motores, das pequenas rádios e das televisões), que aceita o inferno, faz parte dele e não o reconhece mais; porém, não pertence, de todo modo, nem mesmo à elite sortuda que procura no inferno algo que não é inferno.

Ao contrário, Wilcock sabe, antes de qualquer coisa, desde sempre e para sempre, que somente há o inferno. Muito menos não propõe, de maneira muito vaga e genérica (assim como Calvino), a hipótese de que exista alguma coisa fora dele. Não sonha, mesmo que com muita distância, com a existência de um modo, também ilusório, de não sofrer com ele, ou, pelo menos, de ignorá-lo. E o que diferencia, então, Wilcock dessa maioria silenciosa? Claramente, embora terrível: ele *aceita* o inferno, assim como a maioria silenciosa, mas ao contrário desta *não* faz parte dele e, por isso, *reconhece-o*. Aqui está delineada uma condição de “estranhamento”. Aceitar um fato por pura e simples objetividade, não fazendo parte dele, embora o reconheça, força Wilcock a ter com esse fato uma relação trágica de estranheza: não lhe é permitida solução alguma, nem mesmo provisória ou irrisória. Quando se torna completamente desprovido de ilusões, o trágico pode apenas transformar-se em comicidade.

Visitante-danado do inferno, Wilcock, queimando no fogo ou debatendo-se no breu fervente, observa os outros danados: porém, mesmo sofrendo – como é natural – de modo selvagem, ele os considera ridículos quando os observa. O seu olhar cadavérico e risonho se direciona, sobretudo, aos danados, de algum modo, semelhantes a ele, pertencentes ao seu círculo e à sua especificidade. A sua comicidade irresistível, enquanto danados, não leva Wilcock nem a zombar muito nem a ter nenhuma piedade por eles. Descrevendo-os, ele concretiza simplesmente a sua condição de “estranheza”: concretiza-a numa forma de destaque

linguístico que é, de fato, quase fisiológico: e decisivamente filológico o é no seu traje de “ficção” narrativa.

Mas chegou a hora de explicar, com outras tantas palavras pobres, do que se trata. Wilcock fingiu ser um enciclopedista armado de uma erudição assustadora, capaz de tudo e, ao mesmo tempo, capaz de simplificar tudo. Assim, explicando melhor, Wilcock fingiu ser um enciclopedista encarregado por um editor de escrever um certo número de “vozes” para uma enciclopédia de grande divulgação. Essas vozes dizem respeito a cientistas, inventores, utopistas, ensaístas e filósofos. E Wilcock compila tais “vozes” com tanto escrúpulo, diligência, hábito profissional que, digo a verdade, quando abri o livro, acreditei serem nomes verdadeiros, igualmente como os fatos. A página, em que o meu olhar se deteve, era a seguinte: “Segundo Charles Carroll de Saint Louis, autor de *O negro é uma besta* (*The Negro a Beast*, 1900) e de *Quem seduziu Eva?* (*The Tempter of Eve*, 1902), o negro foi criado por Deus juntamente com os animais com um único objetivo: que Adão e os seus descendentes não se tornassem garçons, lavadores de pratos, engraxates, adeptos às latrinas e fornecedores de serviços semelhantes no Jardim do Éden. Assim como os outros mamíferos, o negro manifesta uma espécie de mente que se encontra entre a do cão e a do macaco, mas é completamente desprovido de alma. A serpente que seduziu Eva era, na realidade, a garçonete africana do primeiro par humano. Caim, forçado pelo pai e pelas circunstâncias a se casar com sua irmã, fugiu do incesto e preferiu casar-se com um desses macacos ou com alguma das criadas de pele escura. Desse matrimônio híbrido se originaram as várias raças da terra...”.

Não é, talvez, fidedigna como teoria racista da primeira metade do século XX? Wilcock descreve, em seguida, teóricos e utopistas ainda mais assustadores, fornidos de nomes da Europa Central, de nomes anglo-saxões, latino-americanos, absolutamente absurdos, quase como se fossem nomes de *avanspettacolo*,<sup>1</sup> criando também inventores de dispositivos, maquinários, sistemas filosóficos ainda

mais absurdos: no entanto, nenhuma daquelas figuras e nenhuma daque-

1 *Avanspettacolo*, ou “teatro di avanspettacolo”, é um gênero de espetáculo teatral cômico realizado na Itália entre os anos 30 e os anos 50. [N. T.]

las invenções é mais ridícula e idiota de como teria sido se, por acaso, tivesse sido real. Ao fechar o livro, lemos uma *verdadeira* antologia de biografias de homens de pensamento.

O que dá a este livro um sentimento tão forte de realidade? Sobre tudo, o surrealismo: é, de fato, sobre o surrealismo que Wilcock incide a veia cômica, com a qual torna aceitável a maldade patética, identificando *todo* o mundo com o inferno. Em suma, ele se aproveita de algumas teorias dos seus heróis para transformá-las em trechos de literatura onírica magistral: por isso, tais teorias não são mais coisas simplesmente malucas, coisas de gênios destinados ao manicômio, pois quando se tornam “visões”, através do estilo do seu descritor, recuperam uma realidade poética que se projeta sobre elas, restituindo-as à universalidade que haviam perdido na miséria da loucura. Tornam-se – caso queiramos – metáforas perfeitas de descobertas análogas, invenções, ideologias reais. Naturalmente – assim como um quadro surrealista é pintado com uma pinceladinha pré-impressionista, que com cuidado acadêmico ambiciona reproduzir fielmente o modelo – do mesmo modo a escritura de Wilcock é uma escritura perfeitamente normal, plana, convincente. E não exclusivamente por brincadeira (neste caso, não daríamos importância ao livro), mas com o rigor de uma escolha estilística que não se pode transgredir. “... um estilo plano e impessoal é concedido a poucos, e não certamente a um escritor de sucesso”, escreve Wilcock na única reflexão direta sobre o estilo da escritura que empregou em *A sinagoga*.

No que se refere ao plano de reflexão metalinguística, o que mais atinge o leitor, ao ler o livro de Wilcock, todo composto por uma série de trechos breves, intitulados cada um (exatamente como numa enciclopédia) com o nome do pensador, é a curiosidade com que é devorado, quase como se tratasse de um livro policial. O “suspense” que nos mantém tão morbidamente atentos é, de fato, de gênero metalinguístico, que se funda na pergunta: “O que o autor inventará na próxima voz?” E o autor, no nosso caso, nunca trai, nem mesmo durante as esperas mais ingênuas (cada uma das suas biografias poderia ser um magnífico filme cômico).

É uma coincidência certamente casual: no entanto, juntamente com o livro de Wilcock foram publicados, pelo menos, outros três livros que são devorados pelo interesse e que provocam a mesma pergunta: “O que o autor inventará na próxima passagem?”.

Trata-se, antes de tudo, da *História Augusta*, ou seja, as biografias – escritas no século IV d. C. – dos imperadores romanos que se sucederam do ano 117 até os anos 284-85. São romances breves, em que a história é completamente sonhada. A acumulação dos fatos e dos detalhes – devida ao recorte breve da narrativa – aumenta esse sentimento de sonho. Li, em primeiro lugar, a história em homenagem a Arbasino,<sup>2</sup> “A vida de Heliogábalo”: é possível que no tempo de Constantino o “Baixo Império” já aparecesse em todo o seu gosto decadente, assim como nos é narrado? Esses séculos que vão embora com as mãos cheias, arrastando povos e vidas inteiras, ao menos que não se diga amém... Aquelas épocas históricas que têm menor consistência do que um banquete... As acomodações de povos em que uma vida humana parece subtraída pela lei do tempo, ou regulada pela lei do tempo, que vale pelas borboletas que vivem um único dia... Estou propenso a abraçar a teoria de Hermann Dessau (parece um personagem de Wilcock) que em *Über Zeit und Persönlichkeit der Scriptorum historiae Augustae* demonstra que a *História Augusta* foi escrita por uma única pessoa, tanto que os seis autores tradicionais (Elio Lampridio, Elio Sparziano etc.) teriam sido inventados completamente por aquele único autor, que permaneceu anônimo (talvez por extrema elegância).

O segundo livro é um clássico, ou seja, *Vies imaginaires* [*Vidas imaginárias*] de Marcel Schwob. Também, neste caso, a pergunta que mantém a atenção ativa de uma “Vida” até outra “Vida” é a mesma. Mas uma distribuição cronológica ordenada da antiguidade clássica ao século XVIII arruína, um pouco, o prazer de encontrar-se diante de possibilidades imprevisíveis. É melhor ler este livro não de uma só vez. Ou ir direto aos contos mais bonitos, os últimos, das histórias da adorável prostituta Katherine – a Rendeira; e do adorável assassino Alain – o Gentil, e assim por diante.

Do mesmo modo, neste livro, a característica mais evidente se dá pela acumulação dos casos – às vezes, aparentemente mínimos – devida à concentração de cada história (uma vida em duas, três páginas): a montagem destrói as regras do tempo, substituindo-as pelas regras morais, ou seja, uma vida não é como uma continuidade, mas como uma sé-

---

2 Alberto Arbasino, escritor italiano, publicou, em 1969, o livro *Super Eliogabalo*, pela editora Einaudi, de Turim. [N. T.]

rie de acontecimentos significativos, mesmo que aquilo que os evidencia seja uma luz onírica. Porém, o tempo anulado se vinga preparando a sua essência como uma nostalgia terrível e como um sentido insustentável de possibilidades irrealizadas.

O terceiro livro é *As cidades invisíveis* de Italo Calvino. Mas a respeito deste falarei no próximo número.

14 de janeiro de 1973

[tradução: Davi Pessoa Carneiro]

357

\*\*

[nota do tradutor]

Pier Paolo Pasolini, de 26 de novembro de 1972 a 24 de janeiro de 1975, escreveu para a revista “Tempo” resenhas de livros de escritores italianos e estrangeiros, como, por exemplo, sobre *Maurice* de Edward Morgan Forster, *Sillabario n. 1* de Goffredo Parise, *Le città invisibili* de Italo Calvino, *Inferno* de August Strindberg, *I promessi sposi* de Alessandro Manzoni, *Der kurze Sommer der Anarchie* [O verão breve da anarquia] de Hans Magnus Enzensberger, *La Storia* de Elsa Morante, *Mito e realtà* de Mircea Eliade, entre outros. A resenha “J. Rodolfo Wilcock, *La Sinagoga degli Iconoclasti; Storia Augusta; Marcel Schwob, Vite immaginarie*” foi publicado em 14 de janeiro de 1973. Todas as resenhas escritas por Pasolini foram reunidas posteriormente no volume *Descrizioni di descrizioni* (Garzanti, Milão, 1996), organizadas por Graziella Chiarocci.

**BIBLIOGRAFIA**

**PASOLINI, Pier Paolo**, *Descrizioni di descrizioni*. A cura di **Graziella Chiarcossi**; introduzione di **Paolo Mauri**. Garzanti: Milano, 1996, p. 52-57.

WILCOCK, Juan Rodolfo, *La sinagoga degli iconoclasti*. Traduzione di J. Rodolfo Wilcock. Adelphi: Milano, 1972.

WILCOCK, Juan Rodolfo, *La sinagoga de los iconoclastas* (póstumo). Anagrama: Barcelona, 1981.